

**CINE THEATRO BRASIL VALLOUREC:  
a resistência da memória dos cinemas de rua de Belo Horizonte**

**CINE THEATRO BRASIL VALLOUREC:  
the resistance of the memory of Belo Horizonte's street cinemas**

Larissa Drubscky de Melo Couto Cunha<sup>1</sup>  
Marcelo Eduardo Zanetti<sup>2</sup>  
Bruno Durão Rodrigues<sup>3</sup>  
Juliana de Lima Caputo<sup>4</sup>  
Paulo Fernando Braga Carvalho<sup>5</sup>

**RESUMO**

O artigo analisa a trajetória dos cinemas de rua em Belo Horizonte, com destaque para o Cine Theatro Brasil Vallourec, símbolo de resistência da memória cultural urbana da cidade. O estudo tem como finalidade investigar a evolução desses espaços, suas transformações e impactos socioculturais, bem como compreender os motivos que levaram ao tombamento e à revitalização do Cine Theatro Brasil. A metodologia adotada é qualitativa e exploratória, fundamentada em pesquisa bibliográfica, documental e levantamento de campo, com mapeamento e análise dos antigos cinemas da capital. Os resultados apontam que o declínio dos cinemas de rua decorreu de fatores como a ascensão da televisão e dos shopping centers, mas também evidenciam que o Cine Theatro Brasil se destacou por sua relevância arquitetônica, social e simbólica, resultando em mobilização popular e institucional que garantiu sua preservação. Conclui-se que o restauro e a reabertura do espaço reforçam a importância da memória urbana e do patrimônio cultural na construção da identidade coletiva de Belo Horizonte.

**Palavras-chave:** Cinemas de rua; Belo Horizonte; Cine Theatro Brasil Vallourec; Patrimônio cultural; Memória urbana.

**ABSTRACT**

The article analyzes the trajectory of street cinemas in Belo Horizonte, highlighting Cine Theatro Brasil Vallourec as a symbol of resistance in the city's urban cultural memory. The study aims to investigate the evolution of these venues, their transformations and sociocultural impacts, as well as to understand the reasons that led to the heritage listing and revitalization of Cine Theatro Brasil. The methodology adopted is qualitative and exploratory, based on bibliographical and documentary research, along with fieldwork involving the mapping and analysis of former cinemas in the capital. The results indicate that the decline of street cinemas stemmed from factors such as the rise of television and shopping malls, but also reveal that Cine Theatro Brasil stood out for its architectural, social, and symbolic significance, which inspired popular and institutional mobilization to ensure its preservation. It concludes that the

---

<sup>1</sup> Graduanda em Geografia pela PUC Minas, drubsckylarissa@gmail.com

<sup>2</sup> Professor do Curso de Geografia da PUC Minas. [geografia.zanetti@gmail.com](mailto:geografia.zanetti@gmail.com).

<sup>3</sup> Professor do Curso de Geografia da PUC Minas. [profbrunodurao@gmail.com](mailto:profbrunodurao@gmail.com).

<sup>4</sup> Professora do Curso de Geografia da PUC Minas. [jugrafiabh@gmail.com](mailto:jugrafiabh@gmail.com)

<sup>5</sup> Professor do Curso de Geografia da PUC Minas. [paulofernando@pucminas.br](mailto:paulofernando@pucminas.br)

restoration and reopening of the venue reinforce the importance of urban memory and cultural heritage in shaping the collective identity of Belo Horizonte.

**Keywords:** Street cinemas; Belo Horizonte; Cine Theatro Brasil Vallourec; Cultural heritage; Urban memory.

## 1 INTRODUÇÃO

A fundação de Belo Horizonte, no final do século XIX, marcou o início de um novo paradigma urbano no Brasil, simbolizando o ideal republicano de progresso e modernidade. Concebida sobre as ruínas do antigo Arraial do Curral del Rei, a capital mineira foi projetada por Aarão Reis como uma cidade racional, ordenada e higienista, inspirada em metrópoles modernas como Paris, Buenos Aires e Washington (Paula; Monte Mór, 2000). O traçado geométrico e o zoneamento urbano expressavam o desejo de construir uma cidade exemplar, voltada para o futuro e para o desenvolvimento industrial e cultural. Nesse contexto de transformações, surgiram novos modos de vida e de sociabilidade que redefiniram as práticas culturais e o uso do espaço urbano.

As primeiras décadas do século XX foram decisivas para a consolidação de Belo Horizonte como uma cidade moderna e dinâmica. Segundo Calvo (2013), a capital, que nasceu de um ideal de cidade planejada, logo se transformou em um espaço de contradições e multiplicidades, no qual o imaginário urbano convivia com a realidade social em constante mutação. Entre os símbolos dessa modernidade estava o cinema, um fenômeno que incorporava tanto a técnica quanto o espetáculo, tornando-se uma das principais formas de lazer e sociabilidade urbana. A primeira exibição cinematográfica de que se tem registro na cidade ocorreu em 1898, apenas um ano após a sua inauguração, evidenciando o rápido processo de inserção da cultura cinematográfica na vida urbana.

A partir das décadas de 1920 e 1930, os cinemas de rua tornaram-se equipamentos fundamentais na configuração da paisagem e da vida social belorizontina. Assis (2006) destaca que as salas de cinema se tornaram espaços de convivência e de construção de identidades urbanas, possibilitando o encontro entre diferentes grupos sociais e a fruição coletiva da cultura. Nesse mesmo período, o projeto do Cine Theatro Brasil foi concebido como uma resposta estética e tecnológica ao ideal de modernidade que permeava Belo Horizonte. Inaugurado em 14 de julho de 1932, o edifício representava o auge da arquitetura moderna na cidade, sendo o primeiro arranha-céu em concreto armado e um dos principais exemplares do estilo Art Déco no país (Brasil, 2012).

O Cine Theatro Brasil consolidou-se como um dos principais centros de sociabilidade e cultura da capital. De acordo com Gomes (1997), as salas de cinema de Belo Horizonte desempenharam papel decisivo na difusão cultural e na formação de um público urbano moderno, representando a transição entre o espaço público de convivência e o consumo de lazer individualizado. O edifício, localizado na Praça Sete de Setembro, um coração simbólico da cidade, integrava cinema, teatro, lojas e escritórios, antecipando o conceito de multifuncionalidade dos espaços culturais contemporâneos. Era frequentado por públicos diversos, tornando-se um ponto de convergência social e um marco da modernização arquitetônica e cultural da capital mineira.

Durante as décadas de 1940 e 1950, Belo Horizonte viveu o apogeu dos cinemas de rua. O Cine Theatro Brasil, o Cine Metrópole, o Cine Pathé e o Cine Palladium compunham um circuito cinematográfico vibrante, responsável por integrar o cotidiano urbano às práticas culturais da população (Gomes, 1997). Contudo, a partir da segunda metade do século XX, esse modelo começou a entrar em declínio. Segundo Pena (2012), o surgimento da televisão e, posteriormente, dos shopping centers modificou profundamente o modo como o público se relacionava com o cinema, promovendo o deslocamento do lazer das ruas para espaços privados e climatizados. Em Belo Horizonte, esse processo foi acentuado pela reconfiguração do centro e pela especulação imobiliária, que transformou antigos cinemas em estacionamentos, igrejas ou estabelecimentos comerciais (Calvo, 2013).

O fechamento e a deterioração das salas de cinema refletiram não apenas mudanças tecnológicas, mas também a desvalorização do espaço urbano como lugar de convivência. Conforme Berman (1987), a modernidade é um processo contraditório, que simultaneamente cria e destrói: o progresso técnico e a expansão urbana, embora simbolizem avanço, também produzem rupturas sociais e perdas simbólicas. Nesse sentido, a decadência dos cinemas de rua revela o esvaziamento cultural do espaço público e a fragmentação da vida urbana moderna. Raggi (2015) ressalta que a modernidade em Belo Horizonte deixou legados socioespaciais ambíguos, marcados pela coexistência entre o desejo de progresso e a dissolução da memória coletiva.

Apesar desse quadro de abandono, o Cine Theatro Brasil resistiu ao desaparecimento total graças a mobilizações sociais e políticas em defesa do patrimônio cultural. Inspiradas por experiências de outras cidades, como a descrita por Bessa e Oliveira Filho (2019) no caso dos cinemas de rua do Rio de Janeiro, as ações preservacionistas em Belo Horizonte visaram não apenas a restauração física dos edifícios, mas também a recuperação do seu valor simbólico. O

tombamento municipal e estadual do Cine Theatro Brasil, seguido de seu restauro promovido pela Fundação Sidertube, representou um marco na valorização da memória urbana da cidade.

Reinaugurado em 2013 como Cine Theatro Brasil Vallourec, o espaço foi transformado em um centro cultural multifuncional, preservando a arquitetura original e ampliando suas possibilidades de uso. Segundo Brasil (2012), o restauro reafirmou a importância do edifício como símbolo da modernidade e da resistência da cultura urbana, mantendo viva a relação entre patrimônio e contemporaneidade. O novo espaço passou a abrigar concertos, peças teatrais, exposições e projetos de formação de público, reafirmando sua vocação histórica como local de encontro, arte e cidadania.

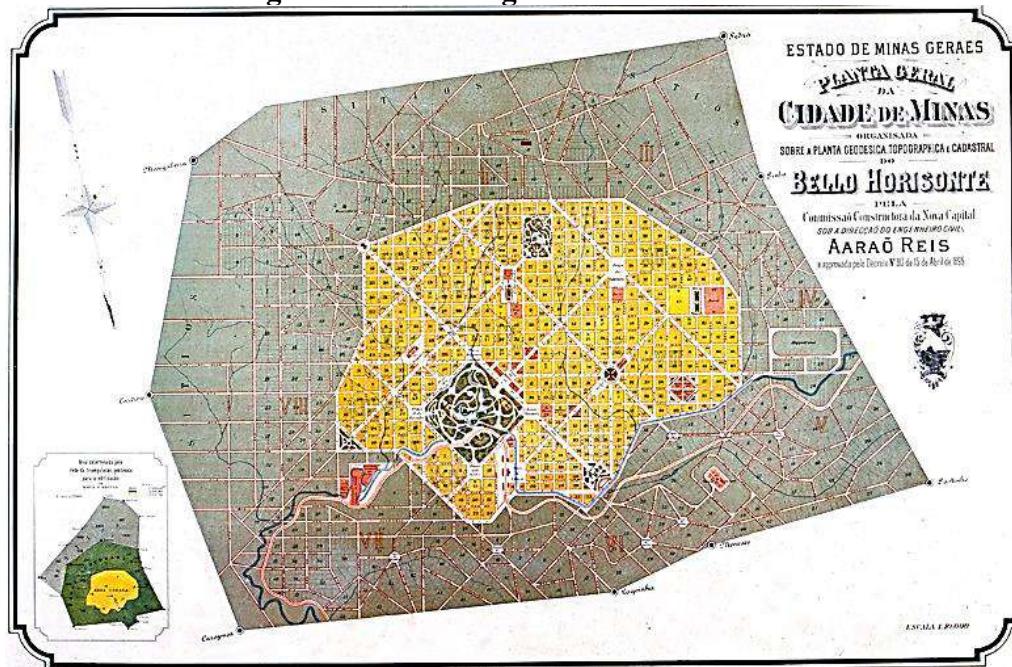
Diante dessa trajetória, o presente artigo tem como objetivo geral investigar a evolução dos cinemas de rua em Belo Horizonte, considerando sua importância histórica, suas transformações espaciais e seus impactos socioculturais e econômicos, identificando as razões que levaram ao tombamento e à revitalização do Cine Theatro Brasil Vallourec como equipamento cultural. Como objetivos específicos, busca-se: (1) mapear os cinemas de rua que existiram e ainda existem na capital mineira; (2) analisar os fatores que levaram ao fechamento ou transformação desses espaços; (3) explorar iniciativas recentes de preservação e ressignificação desses espaços; e (5) identificar as características arquitetônicas e socioculturais que diferenciam o Cine Theatro Brasil Vallourec dos demais cinemas de rua de Belo Horizonte.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 A história de Belo Horizonte e os cinemas de rua**

A fundação de Belo Horizonte, no final do século XIX, simbolizou a materialização do ideário republicano e o desejo de construir uma cidade moderna, racional e planejada. Idealizada por Aarão Reis e inspirada em modelos urbanos europeus e norte-americanos, a nova capital mineira representava uma ruptura com o passado colonial e buscava afirmar um espírito de progresso e civilização. Como no plano original da cidade, demostrado pela imagem abaixo:

Imagen 1: Planta original de Belo Horizonte



Fonte: <https://share.google/images/jAj6jGCkrpjuoTlMq>

Ademais, Paula e Monte Mór (2000) destacam que Belo Horizonte foi resultado de três invenções: A cidade planejada, a cidade vivida e a cidade imaginada, expressando tanto o ideal técnico do urbanismo quanto as contradições de sua ocupação real.

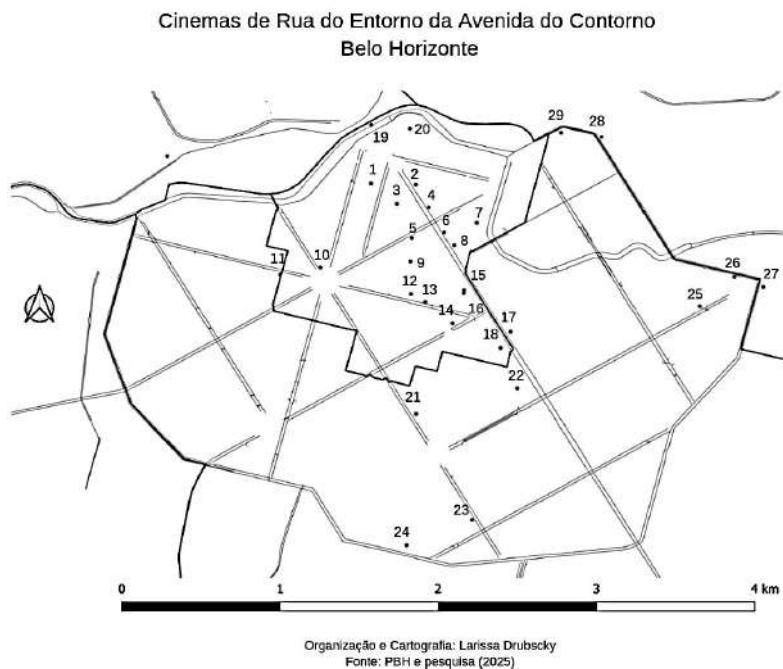
Nas primeiras décadas do século XX, a capital mineira começou a consolidar-se como um polo urbano em expansão, e com isso, novas formas de lazer e sociabilidade surgiram, acompanhando o processo de modernização social e econômica. Calvo (2013) ressalta que o imaginário de Belo Horizonte como cidade do futuro coexistia com as práticas cotidianas da população, gerando uma paisagem cultural híbrida entre a tradição e a inovação. Foi nesse contexto que o cinema, símbolo por excelência da modernidade, chegou à cidade e passou a desempenhar papel fundamental na constituição da vida urbana.

As primeiras exibições cinematográficas ocorreram ainda nas primeiras décadas do século XX, em pequenos salões e teatros, até que surgiram as salas especialmente construídas para esse fim. Assis (2006) observa que as salas de cinema se tornaram não apenas espaços de lazer, mas também arenas de convivência social, possibilitando o encontro de diferentes grupos e classes, e contribuindo para a formação de uma identidade urbana moderna. O cinema oferecia ao público uma experiência coletiva inédita, marcada pela novidade tecnológica e pelo fascínio das imagens em movimento, que representavam o espírito de um tempo voltado ao progresso.

Os cinemas de rua de Belo Horizonte assumiram grande relevância cultural e simbólica. Localizados em pontos estratégicos do centro, esses espaços, como o Cine Pathé, o Cine

Palladium e, posteriormente, o Cine Theatro Brasil, tornaram-se referências no cotidiano da cidade. Como evidenciado no mapa abaixo, que representa os principais cinemas de rua existentes no entorno da Avenida do Contorno em Belo Horizonte.

**Imagen 2: Cinemas de rua existentes no da Avenida do Contorno em Belo Horizonte**



**Legenda:**

- |                                 |                        |
|---------------------------------|------------------------|
| 1.Cine Carmo                    | 16.Cine Theatro Brasil |
| 2.Cine Royal                    | 17.Cine Humberto Mauro |
| 3.Cine Avenida                  | 18.Cine Nazaré         |
| 4.Cine Art Palácio              | 19.Cine São Geraldo    |
| 5.Cine Tamoio                   | 20.Cine México         |
| 6. Cine São Sebastião           | 21.Cine Belas Artes    |
| 7.Cine Regina                   | 22.Cine La Boca        |
| 8.Cine Acaíaca                  | 23.Cine Pathé          |
| 9.Cine Jaques                   | 24.Savassi Cine Clube  |
| 10.Cine Candelária              | 25.Cine Santa Efigênia |
| 11.Cine Roxy                    | 26.Cine Paissandu      |
| 12.Cine Palladium               | 27.Cine Alvorada       |
| 13.Cine Teatro Imprensa Oficial | 28.Cine Floresta       |
| 14.Cine Guarani                 | 29. Cine Odeon         |
| 15.Cine Metrópole               |                        |

Além disso, Gomes (1997) descreve que as salas de exibição compunham parte essencial da vida social, estabelecendo uma relação direta entre o cinema e o espaço público urbano. As praças e avenidas onde esses cinemas estavam instalados funcionavam como locais

de encontro, promovendo o convívio, o namoro e a circulação de ideias, em sintonia com o movimento de modernização que caracterizava a capital.

Nesse cenário, o cinema representava não apenas uma forma de lazer, mas também um instrumento de transformação social. Berman (1987) aponta que a modernidade é uma experiência paradoxal: cria novas possibilidades de vida, mas também provoca rupturas e tensões. O cinema encarnava esse paradoxo ao mesmo tempo em que trazia o novo, refletia as contradições do urbano e traduzia, em imagens, as mudanças culturais que marcavam Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX.

## **2.2 Do Cine Theatro Brasil ao Vallourec**

O Cine Theatro Brasil foi inaugurado em 14 de julho de 1932, na Praça Sete, uns dos marcos centrais de Belo Horizonte. O empreendimento surgiu como resultado da expansão econômica e cultural da cidade, simbolizando o auge da modernidade mineira. Sua inauguração foi um grande evento, demonstrado pela cerimônia de lançamento da pedra fundamental, solenidade que era costume na época para edificações relevantes, que consistia em colocar uma pedra com itens que representavam o momento histórico para ser encontrado pelas gerações futuras, essa pedra foi encontrada durante a reforma do Cine Theatro Brasil e está exposta em seu saguão, a cerimônia está ilustrada na imagem abaixo:

**Imagen 3: Solenidade de lançamento da pedra fundamental do Cine Theatro Vallourec**



**Fonte: Arquivo Jornal Estado de Minas, Fotógrafo: Igino Bonfioli**

O edifício, projetado em estilo Art Déco, foi o primeiro arranha-céu da capital e um dos primeiros edifícios em concreto armado do país, representando um avanço tecnológico e

arquitetônico (Brasil, 2012). Desde a inauguração, o Cine Theatro Brasil destacou-se como um espaço multifuncional, abrigando cinema, teatro, escritórios, lojas e até mesmo um restaurante popular, inaugurado pelo então governador, Jucelino Kubitschek, como demonstrado na imagem abaixo:

**Imagen 4: O governador Jucelino Kubistchek inaugurando o Restaurante popular número 2, no edifício do Cine Theatro Brasil**



**Fonte: Arquivo Jornal Estado de Minas**

Essa multifuncionalidade, o diferenciava das demais salas da cidade e o aproximava dos grandes empreendimentos culturais internacionais. O prédio, imponente e moderno, rapidamente se tornou um dos cartões-postais de Belo Horizonte. Gomes (1997) observa que as salas de cinema, nesse período, desempenhavam papel central na construção da identidade urbana, sendo frequentadas por públicos diversos que se encontravam para assistir aos filmes e participar de eventos sociais e culturais. Como demonstrado pela superlotação do Cine Theatro Brasil em sua primeira exibição, ilustrada na imagem abaixo:

**Imagen 5: Sala de exibição do Cine Theatro Brasil em sua inauguração**



**Fonte:** Acervo Jornal Estado de Minas, **Fotógrafo:** Igino Bonfioli

Durante as décadas de 1940 e 1950, o Cine Theatro Brasil viveu seu auge. Era o principal palco da exibição de grandes produções cinematográficas nacionais e estrangeiras, além de receber peças teatrais, concertos e solenidades oficiais. Segundo Assis (2006), os cinemas de rua constituíam importantes espaços de sociabilidade e experimentação estética, promovendo a circulação cultural em uma cidade em rápido crescimento. O Theatro Brasil foi o epicentro desse movimento, atraindo a elite e o público popular, consolidando-se como símbolo da vida urbana moderna.

Entretanto, nas décadas seguintes, o cenário começou a mudar. A partir dos anos 1960, com a popularização da televisão e o início da verticalização urbana, o público das salas de rua começou a diminuir. O lazer doméstico substituiu o hábito das sessões coletivas e o centro da cidade passou a sofrer com a degradação e a perda de vitalidade. Pena (2012) explica que esse processo não foi exclusivo de Belo Horizonte: em várias capitais brasileiras, o declínio dos cinemas de rua esteve associado à mudança dos padrões de consumo e à crescente privatização dos espaços de lazer.

O Cine Theatro Brasil resistiu por décadas, mas entrou em decadência a partir dos anos 1980. O edifício sofreu com a falta de manutenção, a perda de público e as dificuldades financeiras. Em 1999, encerrou definitivamente suas atividades, simbolizando o fim de uma era. O prédio permaneceu fechado e em processo de deterioração até ser adquirido pelo grupo

Vallourec, que, por meio da Fundação Sidertube, iniciou um amplo projeto de restauração e revitalização (Brasil, 2012).

### 2.3 Cine Metrópole e a luta para não repetir o acontecido

O fechamento do Cine Theatro Brasil não foi um caso isolado. Durante as décadas de 1980 e 1990, outros cinemas de rua de Belo Horizonte sofreram o mesmo destino, em sua maioria foram demolidos ou descaracterizados, como mostra a tabela abaixo:

**Tabela 1: Os cinemas de rua da área central de Belo Horizonte**

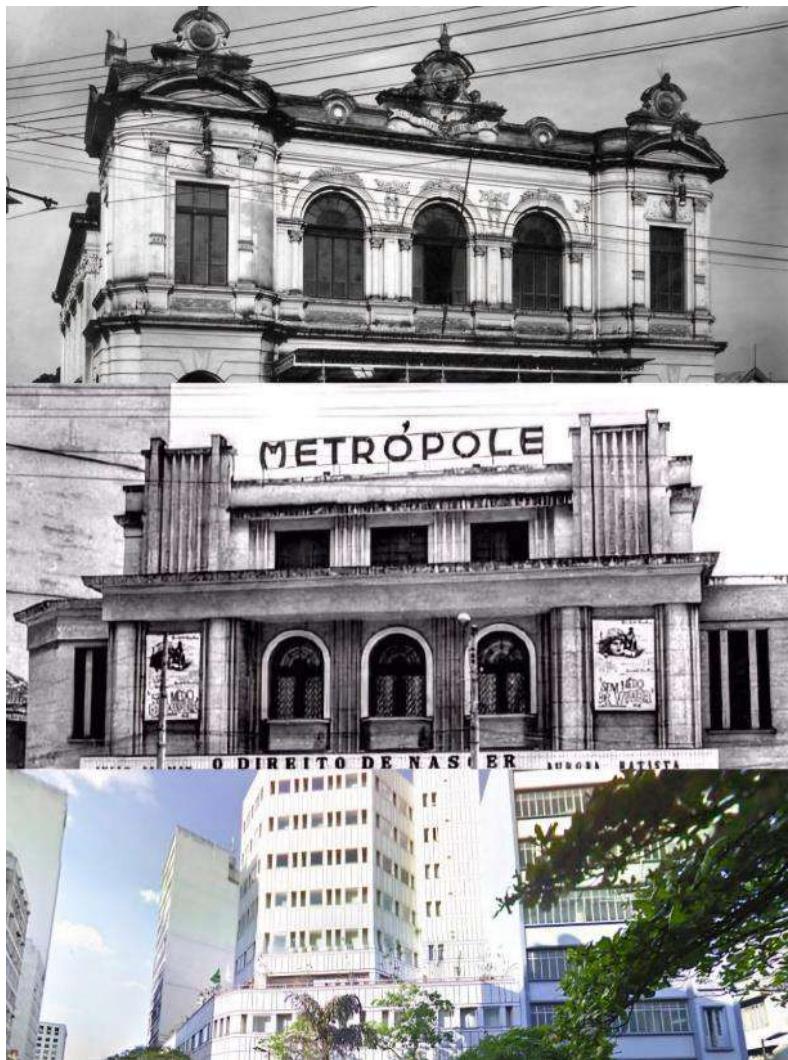
NOME	ENDERECO	INAUGURAÇÃO	FECHAMENTO	USO ATUAL
2.Cine Royal	Avenida Afonso Pena, 381, Centro	-	1980	Lojas comerciais
3.Cine Avenida	Avenida. Afonso Pena,559, Centro	1910	1983	Igreja Universal
4.Cine Art Palácio	Rua Curitiba,601, Centro	1951	1994	Drogaria Araujo
5.Cine Tamoio	Rua Tamoios,500, Centro	1956	1992	Loja Ponto Frio
			1990	Loja Monax
6. Cine São Sebastião	Av. Afonso Pena,759, Barro Preto	1942	1999	Loja NossaShop
7.Cine Regina	Rua da Bahia, 484, Centro	1971	-	Edifício Victor Purri
8.Cine Acaaiaca	Av. Afonso Pena, 867, Centro	Fins de 1940	1988	Igreja Internacional da Graça
9.Cine Jaques	Rua Tupis, 317, Centro	Fins de 1960	1991	Shopping Cidade
10.Cine Candelária	Praça Raul Soares, 315, Barro Preto	1952	2000	Prédio em ruínas
11.Cine Roxy	Av. Augusto de Lima, 1213, Barro Preto	1947	1995	Loja Mercado das Capas
12.Cine Palladium	Rua Rio de Janeiro, 1.046, Centro	1963	1999	Centro cultural
13.Cine Teatro Imprensa Oficial	Av. Augusto de Lima,270, Centro	1988	2012	Teatro Clara Nunes
14.Cine Guarani	Rua da Bahia,1189, Centro	1926	1980	Delegacia da polícia militar
15.Cine Metrópole	Rua da Bahia,951, Centro	1942	1983	Agência do Bradesco
16.Cine Theatro Brasil	Av. Amazonas,315, Centro	1932	2000	Centro Cultural
17.Cine Humberto Mauro	Av. Afonso Pena,1537, Centro	1978	Aberto	Cinema de rua
18.Cine Nazaré	Rua Guajajaras, 41, Centro	Fins de 1960	1994	Academia Contorno do Corpo
19.Cine São Geraldo	Rua Mauá,1290, Lagoinha	1942	1990	Estação Lagoinha
20.Cine México	Rua Oiapoque, 194, Centro	1961	1990	Lojas comerciais
21.Cine Belas Artes	Rua Gonçalves Dias,1581, Lourdes	1992	Aberto	Cinema de rua
22.Cine La Boca	Rua Aimóres,1000, Barro Preto	-	2010	Prédio residencial
23.Cine Pathé	Av. Cristóvão Colombo,315, Savassi	1920	1999	Estacionamento
24.Savassi Cine Clube	Rua Levindo Lopes,358, Savassi	1988	2012	Prédio Comercial
25.Cine Santa Efigênia	Rua Álvares Maciel, 312, Santa Efigênia	1942	1981	Casa noturna A Autêntica
26.Cine Paissandu	Av. do Contorno, 3000, Centro	1960	1965	Casa funerária Metropax
27.Cine Alvorada	Av. do Contorno, 3239, Santa Efigênia	1958	1983	Prédio para alugar
28.Cine Floresta	Avenida do Contorno,1665, Floresta	1915	1980	Loja Atacarejão do Lar
29.Cine Odeon	Avenida do Contorno,1328, Floresta	1947	1995	Samba Queixinho

**Fonte: Elaborada pelos autores**

O fechamento mais emblemático foi o do Cine Metrópole. Localizado também na região central, o prédio do Metrópole, foi inicialmente construído para ser o Teatro Municipal de Belo Horizonte durante a construção da cidade, em 1941 ele foi vendido para uma empresa privada que alterou o estilo Neoclássico do edifício para o Art Deco, que era moda na época, e em 7 de maio de 1942, o Cine Metrópole foi inaugurado.

O Metrópole, juntamente com o Brasil foi um dos principais espaços de exibição da cidade, conhecido pela arquitetura imponente e pela programação diversificada. Entretanto, em 1983, o Cine Metrópole foi vendido, e em uma madrugada o edifício foi demolido para evitar a comoção popular, provocando forte reação da sociedade civil e despertando um movimento em defesa da preservação dos cinemas de rua (Assis, 2006). A imagem 6 ilustra as mudanças do edifício, primeiro o Teatro Municipal, depois o Cine Metrópole e por último, o prédio atual.

**Imagen 6: Transformações do edifício do Cine Metrópole**



Fonte: [https://www.arqbh.com.br/2021/10/cine-metropole.html?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.arqbh.com.br/2021/10/cine-metropole.html?utm_source=chatgpt.com)

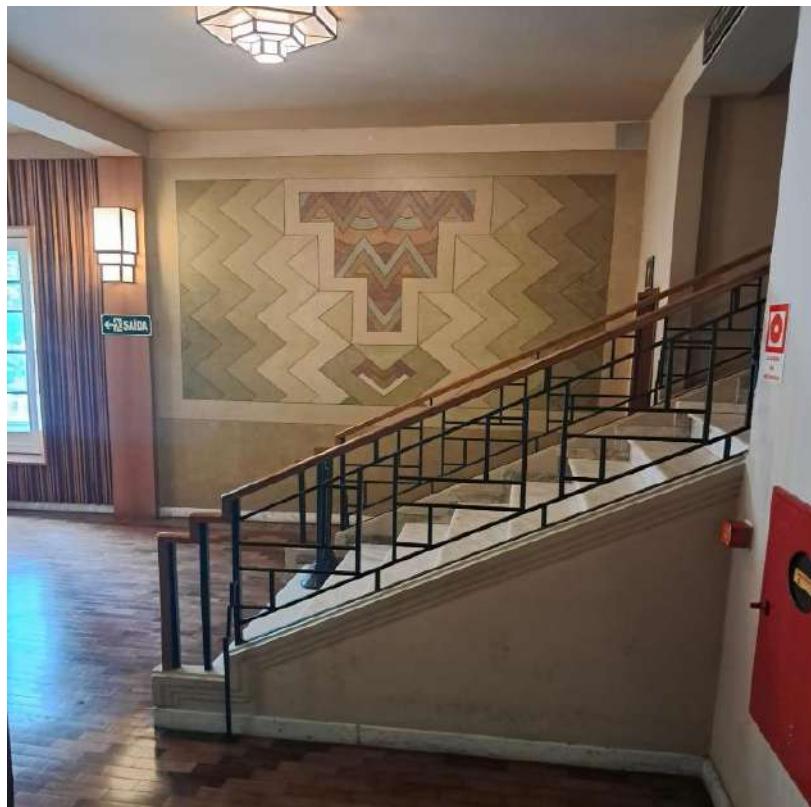
Na época, o então governador Tancredo Neves tentou paralisar a obra, mas não havia nenhum respaldo legal para isso, e a partir desse episódio foi criado um órgão para proteção do patrimônio cultural em âmbito municipal (Brasil,2012). A destruição do Cine Metrópole marcou profundamente a memória cultural de Belo Horizonte e serviu de alerta sobre os riscos do abandono do patrimônio arquitetônico.

Dessa forma, Raggi (2015) observa que a modernização urbana muitas vezes implica a substituição de símbolos identitários por construções voltadas ao lucro e à especulação imobiliária. Nesse sentido, o caso do Metrópole impulsionou o surgimento de políticas públicas voltadas à preservação da memória urbana e estimulou debates sobre o papel social do patrimônio histórico.

Foi nesse contexto que se iniciou a luta pelo tombamento do Cine Theatro Brasil. A mobilização reuniu intelectuais, artistas, estudantes, arquitetos e moradores, que reivindicavam a preservação do edifício como marco da história cultural da cidade. Segundo Bessa e Filho (2019), processos semelhantes ocorreram em outras capitais brasileiras, nas quais a população reagiu à perda de seus cinemas de rua, transformando esses espaços em símbolos de resistência cultural. Em Belo Horizonte, o movimento resultou no tombamento do Cine Theatro Brasil em nível municipal e estadual, garantindo sua proteção legal e impedindo que tivesse o mesmo destino do Metrópole.

Após o tombamento, a Fundação Sidertube, mantida pela Vallourec, assumiu a responsabilidade pela recuperação do edifício. O processo de restauração, iniciado nos anos 2000, foi extremamente minucioso e durou mais de uma década e envolveu equipes multidisciplinares de arquitetos, historiadores e engenheiros. Durante a reforma, foram descobertos e recuperados detalhes originais que estavam escondidos, como as pinturas nas paredes do teatro principal e nas galerias de entrada, que estavam cobertas por quatro camadas de tinta e atualmente é visto como o maior mural em estilo Marajoara da América Latina. Além disso, as escadas de mármore, escondidas desde os anos 40 por rampas nas entradas do foyer, foram restauradas e mostradas novamente. Outras partes originais mantidas incluem os ladrilhos hidráulicos, os pisos de madeira e as portas dos elevadores antigos e da entrada principal, todos importantes para manter a história do prédio. Como ilustrado pela imagem abaixo:

**Imagen 7: Foto atual do mural em estilo Marajoara e da escadaria de mármore**



**Fonte: Acervo pessoal**

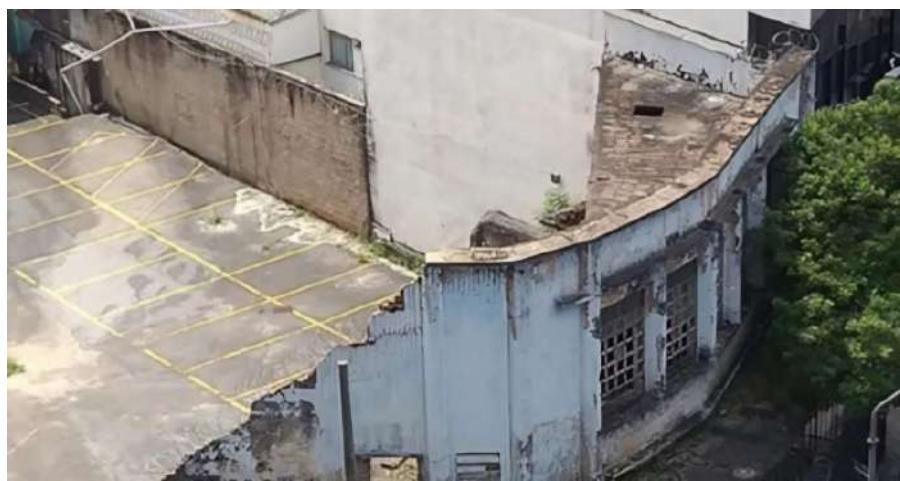
Segundo Brasil (2012), o objetivo principal foi devolver à cidade um espaço de cultura, lazer e convivência, reafirmando o valor do patrimônio como expressão da memória coletiva. Esse movimento de preservação favoreceu o Cine Theatro Brasil, mas não foi suficiente para proteger outros cinemas, como o Cine Candelária, que mesmo tombado pela Fundação Municipal de Cultura (FMC) em 2009, se encontra completamente abandonado depois de um incêndio em 2004, como ilustrado pelas imagens abaixo:

**Imagen 7: Cine Candelária**



Fonte: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/04/14/era-de-ouro-do-cinema-filmes-adultos-e-decadencia-tombado-pelo-patrimonio-cine-candelaria-esta-caindo-aos-pedacos.ghtml>

**Imagen 8: Ruínas do Cine Candelária**



Fonte: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/04/14/era-de-ouro-do-cinema-filmes-adultos-e-decadencia-tombado-pelo-patrimonio-cine-candelaria-esta-caindo-aos-pedacos.ghtml>

## 2.4 A resistência da memória do patrimônio cultural: Cine Theatro Brasil Vallourec

Reinaugurado em 2013, o Cine Theatro Brasil Vallourec tornou-se símbolo de resistência e valorização da memória cultural de Belo Horizonte. O novo centro cultural preserva as características arquitetônicas originais, mas incorpora equipamentos modernos, auditórios, galerias e espaços educativos. A transformação do antigo cinema em um espaço

multifuncional de cultura representa um exemplo bem-sucedido de requalificação urbana e de ressignificação patrimonial. Como demonstrado na imagem abaixo:

**Imagen 9: Cine Theatro Brasil Vallourec**



**Fonte: Fotografia de Léo Lara 2013, acervo Cine Theatro Brasil Vallourec**

Dessa forma, Assis (2006) argumenta que a preservação de espaços de lazer tradicionais é fundamental para manter viva a memória social e urbana, pois eles funcionam como mediadores entre o passado e o presente. No caso do Cine Theatro Brasil Vallourec, a restauração reafirmou o papel simbólico do edifício como um marco da identidade belorizontina. Calvo (2013) reforça que a cidade, ao preservar sua história, reinterpreta continuamente seu próprio imaginário, conciliando modernidade e tradição.

O Theatro Brasil Vallourec passou a integrar o circuito cultural da capital, abrigando peças teatrais, exposições, concertos e projetos sociais voltados à formação de público e à democratização do acesso à cultura. Essa reocupação cultural do espaço reflete o que Berman (1987) define como a capacidade da modernidade de reinventar a si mesma a partir das ruínas do passado, transformando destruição em criação.

Mais do que um edifício restaurado, o Cine Theatro Brasil Vallourec representa a vitória da memória sobre o esquecimento e a reafirmação do valor do patrimônio cultural como elemento constitutivo da vida urbana. A permanência desse espaço, requalificado e aberto ao

público, demonstra que a modernidade pode coexistir com a preservação, e que o patrimônio não é um vestígio imóvel do passado, mas um instrumento ativo de construção da identidade coletiva.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A trajetória dos cinemas de rua em Belo Horizonte revela muito mais do que a história de um gênero de entretenimento: ela espelha as transformações urbanas, sociais e culturais que moldaram a identidade da capital mineira ao longo do século XX. Desde a inauguração de suas primeiras salas, o cinema se consolidou como um espaço privilegiado de convivência, lazer e construção simbólica do urbano. Como demonstraram Assis (2006) e Gomes (1997), esses espaços foram responsáveis por integrar diferentes grupos sociais e por democratizar o acesso à cultura em um período em que a cidade se modernizava e buscava afirmar seu papel no cenário nacional.

O caso do Cine Theatro Brasil exemplifica a relação entre modernidade, memória e resistência. Desde sua inauguração em 1932, o edifício se destacou como marco arquitetônico e cultural, acompanhando o apogeu e a posterior decadência dos cinemas de rua. Seu fechamento em 1999 refletiu um processo mais amplo de desvalorização do centro urbano e de deslocamento dos hábitos de lazer para espaços privados, como os shoppings centers, conforme analisam Pena (2012) e Calvo (2013). Contudo, a mobilização que garantiu seu tombamento e posterior restauração evidenciou o fortalecimento da consciência patrimonial e o reconhecimento do valor simbólico desses espaços.

A luta pela preservação do Cine Theatro Brasil também foi marcada pela memória traumática da perda do Cine Metrópole, demolido em 1983. Como apontam Raggi (2015) e Bessa e Oliveira Filho (2019), esse episódio representou o risco de apagamento da memória urbana e serviu como catalisador para políticas públicas de proteção do patrimônio cultural em Belo Horizonte. O tombamento do Theatro Brasil em 1999 e sua reinauguração em 2013, sob o nome Cine Theatro Brasil Vallourec, simbolizam não apenas a recuperação de um edifício histórico, mas também a revalorização do centro da cidade como espaço de memória, cultura e convivência.

O restauro promovido pela Fundação Sidertube, vinculada à Vallourec, demonstrou que é possível conciliar preservação e modernidade, mantendo viva a função social do patrimônio. O novo centro cultural ampliou o acesso à arte e à educação, transformando-se em referência na promoção da cultura e da cidadania. Essa experiência reforça a importância de compreender

o patrimônio como um elemento dinâmico, que não se limita à preservação material, mas que reinterpreta continuamente o passado à luz das demandas contemporâneas.

Portanto, o estudo da trajetória dos cinemas de rua de Belo Horizonte e, em especial, do Cine Theatro Brasil Vallourec, permite concluir que a preservação da memória urbana é uma forma de resistência cultural diante das transformações aceleradas da cidade moderna. O patrimônio histórico, quando restaurado e ressignificado, torna-se um instrumento de pertencimento e identidade coletiva. Assim, o Theatro Brasil Vallourec não é apenas um edifício restaurado, mas um símbolo vivo da capacidade de uma cidade de olhar para o seu passado, reconhecer seus valores e reinventar seu futuro.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. J. **A trajetória das salas de cinema de Belo Horizonte**: sociabilidade no espaço Unibanco Belas Artes e nas salas de cinema do Shopping Cidade. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- BERMAN, M. **Modernidade**: ontem, hoje e amanhã. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BESSA, M.; OLIVEIRA FILHO, W. “Em processo de extinção”: os cinemas de rua sobreviventes e a vocação cinematográfica no espaço urbano carioca. **Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, v. 8, n. 2, p. 45–63, 2019
- BRASIL, Cine Theatro. **Cine Theatro Brasil Vallourec**: 80 anos de história. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CALVO, J. **Belo Horizonte das primeiras décadas do século XX**: entre a cidade da imaginação à cidade das múltiplas realidades. Belo Horizonte: C/Arte, 2013.
- GOMES, P. A. **100 anos de cinema em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1997.
- PAULA, J. A.; MONTE MÓR, R. L. M. **As três invenções de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- PENA, J. **Cinemas de Salvador**: apogeu e decadência dos cinemas de rua. Salvador: EDUFBA, 2012.
- RAGGI, M. **Travessias modernas**: para além de uma representação – legados socioespaciais da modernidade na produção do espaço urbano de Belo Horizonte. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.